



O que o realismo crítico tem a dizer sobre os debates *Mainstream*, ortodoxia e heterodoxia no pensamento econômico brasileiro recente

*What critical realism has to say about the debates Mainstream, orthodoxy and heterodoxy
In recent brazilian economic thought*

DOI: 10.23925/1806-9029.36i1(65)67288

Autores: **Hélio Afonso de Aguiar Filho** - professor Associado do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS. Email: haaf73@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4377-8018> e **Bruno Genro Schneider** - Mestrando em Economia pelo Instituto de Economia da UFRJ. E-mail: genro.bruno@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6093-533X>.

Resumo

O interesse pelo Realismo Crítico tem crescido entre os economistas, sobretudo devido a ênfase de Tony Lawson na ontologia como critério para se entender o escopo da Economia e as deficiências da abordagem *mainstream*. No Brasil, o debate sobre o estado atual da Economia também recorre à filosofia da ciência, motivado principalmente pela investigação de critérios de demarcação científica, com os adeptos do *mainstream* buscando argumentos para expurgar os não conformistas da prática legítima da ciência. Baseando-se no Realismo Crítico, este artigo busca analisar como o pensamento brasileiro recente lida com as classificações e separações estabelecidas por categorias como *mainstream*, ortodoxia e heterodoxia. Mais especificamente, investiga-se como são relacionadas perspectivas econômicas, ontologia e método no pensamento econômico brasileiro a partir do debate do final dos anos 1990 envolvendo Marcos Lisboa e as contraposições heterodoxas de Cardim, Duayer, Paineira e Medeiros.

Palavras-chave: Ontologia. Heterodoxia. Ortodoxia. *Mainstream*. Realismo Crítico.

Abstract

Critical Realism has gained space in economics due to the emphasis by Tony Lawson on ontology as a basis for understanding the scope of this science and the shortcomings of the mainstream approach. In Brazil the modern debate on the state of the economics so refers to the philosophy of science, however it is mainly motivated by the investigation of scientific demarcation criteria, with mainstream adherents seeking arguments to purge non-conformists from the legitimate practice of science. The purpose of this article into analyze, based on Critical Realism, how recent Brazilian economists deal with the classifications and separations established by categories such as the mainstream, orthodoxy and heterodoxy. More specifically, the economic perspectives about ontology and method is considered in the debate in the Brazilian's economic thought, namely the one in the late 1990s involving Marcos Lisboa and the heterodox oppositions of Cardim, Duayer, Paineira and Medeiros.

Keywords: Ontology. Heterodox. Orthodox. *Mainstream*. Critical Realism.

JEL: B20; B30; B40.



Introdução

A história da ciência econômica é marcada por disputas quanto à natureza dos conceitos e fenômenos econômicos, além de prognósticos para o futuro. Essas disputas refletem as diversas linhas de compreensão da realidade, com os mais variados métodos e teorias científicas sendo usados. Na atualidade, a separação maior é entre a economia *mainstream*, aquela que é ensinada nas principais universidades, publicada nas principais revistas, a que recebe incentivos financeiros maiores e a que ganha os principais prêmios da área, tratando-se do conjunto mais valorizado de abordagens entre os próprios pares do campo (Dequech, 2007). Em oposição, a heterodoxia geralmente representa o contraponto às concepções convencionais, caracterizando-se pela diversidade filosófica, política e metodológica, sendo de difícil caracterização positiva unificadora.

No Brasil, a existência de disputas sobre perspectivas e demarcações de linhas de pensamento tem sido uma constante ao longo da história da economia. No estudo proposto aqui, o uso das categorias *mainstream*, ortodoxia e heterodoxia no pensamento brasileiro, será analisado a partir da perspectiva de Tony Lawson e sua crítica à chamada “falácia epistêmica”. Na perspectiva de Lawson (2006), as diferenças entre o *mainstream* e a heterodoxia podem ser estabelecidas a partir dos pressupostos ontológicos subjacentes à teorização econômica; enquanto o *mainstream* adere ao método matemático-dedutivista, baseado na noção de sistemas fechados, a heterodoxia se unifica não só pela crítica às concepções dominantes mas a partir da visão da economia como um sistema aberto, ou seja, sujeito a influências externas que não podem ser antecipadas (mesmo sendo aleatórias, o que requer algum conhecimento prévio de sua natureza) e evolução e interação dentro do sistema que também não podem ser antecipadas.

O objetivo principal do presente artigo é analisar a forma como determinados economistas brasileiros envolvidos em um debate do final dos anos 1990 iniciado por Marcos Lisboa, relacionam perspectivas econômicas, ontologia e método na história do pensamento econômico. A hipótese é que, enquanto as análises autodenominadas heterodoxas são mais ‘externalistas’, destacando fatores políticos ou ideológicos como fator principal de divisão da Economia, os autodenominados *mainstream* brasileiros se encaixam mais no diagnóstico do Realismo Crítico, ao reconhecerem a adesão à modelagem matemática (baseada em sistemas fechados) como elemento de unidade de seus trabalhos. Contudo, essa coincidência, não significa que o Realismo Crítico está de acordo com as práticas e as bases filosóficas do *mainstream*.

A justificativa principal para o presente artigo é que o Realismo Crítico aplicado à Economia, ao propor uma virada ontológica como critério para redefinir não só as perspectivas em disputa, mas os rumos da própria Economia, pode ajudar a apontar caminhos e formas de reposicionar a prática científica dos economistas brasileiros, situados de partida em uma ‘condição periférica’ – por estarem longe dos autodenominados grandes centros. A escolha por analisar o debate aludido acima deve-se à notoriedade que as discussões obtiveram no âmbito acadêmico, além de serem realizadas contemporaneamente aos escritos de Tony Lawson, o que pode



permitir uma maior interlocução entre várias perspectivas. O presente artigo está dividido como segue. Além desta introdução, a segunda seção é dedicada ao Realismo Crítico de Tony Lawson e sua concepção sobre a natureza e problemas da Economia. A terceira e quarta seções, são dedicadas ao debate brasileiro, sendo analisadas as posições da ortodoxia e da heterodoxia brasileira nos artigos de Marcos Lisboa, as respostas heterodoxas de Cardim, Duayer, Paineira e Medeiros. A quinta seção, por sua vez, apresenta uma súmula das discussões, relacionando as diferentes perspectivas. E, por fim, na última seção, conclui-se o artigo.

2. Explicações da realidade na ciência econômica

Tem crescido o interesse das correntes heterodoxas na Economia pela filosofia do Realismo Crítico, principalmente para criticar a capacidade do método usado pela chamada corrente convencional. Diante do proposto por esse artigo, é fundamental entender as origens e os significados desta perspectiva filosófica, bem como investigar suas possíveis contribuições para o aprofundamento dos debates econômicos.

2.1 O Realismo Crítico

O Realismo Crítico teve em Roy Bhaskar, professor de filosofia nas universidades de Edimburgo, Sussex e em algumas instituições escandinavas, seu principal teórico. Suas reflexões foram formuladas a partir de um arcabouço intelectual que incluiu Marx, Kant e Hegel, contudo, encontrou limitações e falhas intelectuais na teoria social ocidental, que propiciaram a emergência de falsas dicotomias. Uma das críticas fundamentais de Bhaskar foi notabilizada como “falácia epistêmica”, denotando a aderência de explicações ontológicas a moldes epistemológicos. Além disso, em sua vida o filósofo estabeleceu uma conexão intrínseca entre o conhecimento e a radicalização política, percebendo que a busca pela liberdade e a expansão do saber eram, em última instância, faces de uma mesma moeda.

A crítica de Bhaskar a aspectos kantianos da filosofia deu origem ao Realismo Crítico, no qual é apontado a existência contínua de relações, pensamentos e motivos antes da realização de qualquer evento. Essa interpretação sugere que não há provas objetivas nem refutação definitivas (contra o instrumentalismo), porém é necessário trabalhar no sentido de preservar o senso de realidade (contra o relativismo). Bhaskar (2008 [1975]), compreende a ciência de forma diferente do positivismo, o teórico sugere que a ciência não tem como objetivos únicos a previsão e descrição (contra o empirismo), mas, também, o propósito de explicar os fenômenos que são cognoscíveis (contra o idealismo) e nesse sentido, para explicar é preciso analisar ontologicamente a realidade.

Bhaskar (2008 [1975]) aprimorou sua crítica dividindo a realidade em três camadas: 1) Superficial, a camada empírica, a qual temos acesso (perceber) a partir dos sentidos. 2) Factual, camada onde aquilo que é percebido não é necessariamente objetivo, podemos esclarecer essa camada exemplificando com um jogo de futebol: quando o time rival faz um gol, em um sentido empírico da camada superficial,



podemos sentir tristeza, porém para o torcedor rival é provável que tenha ocorrido um sentimento oposto, alegria. Isto é, se o cientista se concentra apenas no sentido empírico é provável, pela distância da percepção e do fato, que desperdice informações relevantes. É partir dessa ideia que mais tarde o Realismo Crítico ponderará o uso da econometria nas ciências econômicas. 3) Profunda, nível em que existem as estruturas, tendências e mecanismos da realidade. Onde a concretização das estruturas e tendências vai depender dos gatilhos existentes. (Vasconcellos; Strachman e Fucidji 1999).

As três camadas descritas acima estão interligadas quando a camada profunda produz o factual e em vista de certas variantes é percebida. As observações e testes apenas indicam conhecimento sobre a camada empírica; da mesma forma, o conhecimento sobre o domínio profundo só é possível com a análise das experiências, dos eventos e dos mecanismos, sendo esse último o fator determinante para o desenvolvimento das camadas menos profundas. É nesse sentido, e com base nesse entendimento, que Bhaskar propõe a crítica ao instrumentalismo vazio e o enaltecimento do estudo ontológico para a melhor compreensão do real, visto que apenas o estudo da natureza dos objetos permite alcançar as estruturas e mecanismos subjacentes.

Ao aprofundar sua noção de ciência, Bhaskar (1998 [1979]) busca diferenciar as ciências naturais e sociais. Nesse contexto, entende que é necessário adquirir conhecimento sobre as percepções ontológicas da realidade, já que para a obtenção do método científico adequado deve-se ter explícito a natureza do fenômeno. Para o autor, o domínio social comporta quatro fundamentos: 1) é aberto, ou seja, o que aconteceu poderia não ter acontecido, existindo uma capacidade das coisas serem ou não ativadas. 2) existe intencionalidade, podendo ser destrinchado em dois aspectos: o do conhecimento, intrinsecamente significativo e que reage a estruturas sociais mudando e mantendo de acordo com a ativação dos mecanismos; e o da durabilidade, que implica na ideia de que certas tendências possuem graus de conservação nos processos históricos. 3) a emergência, concepção em que a ideia de todo é distinta do mero somatório das partes. Para ilustrar, examina-se o exemplo de um comportamento da demanda agregada na economia: para um empresário (parte) a elevação do salário dos trabalhadores pode ser prejudicial para a lucratividade da sua empresa, no entanto essa mesma elevação dos salários em um sentido agregado pode elevar o poder de compra dos consumidores e aumentar os lucros de empresas no geral. 4) a totalidade, que somada ao terceiro aspecto, permite a Bhaskar (1998 [1979]) conceber o domínio social como sistemas interrelacionados¹.

¹ Basta pensar na natureza relacional inerente à interação professor-aluno, em que um não existe sem o outro. Para se constatar que os fenômenos sociais não podem ser sempre redutíveis aos indivíduos, ao atomismo.



2.2 Lawson e a ontologia *mainstream* e heterodoxa

Tony Lawson é o autor responsável por transpor elementos do Realismo Crítico para o âmbito da Ciência Econômica. O docente da Universidade de Cambridge obteve seu primeiro título em matemática pura; contudo, foi na confluência entre a filosofia e a Economia que Lawson desenvolveu suas principais obras, consolidando a estrutura do *Cambridge Social Ontology Group* (CSOG), o qual se dedica ao aprofundamento de temas concernentes ao Realismo Crítico e a defesa do pluralismo metodológico. O autor adiciona a crítica desenvolvida por Bhaskar que no mundo social, as condições empíricas são irreplicáveis, o que faz o formalismo inviável para grande parte das questões econômicas. Lawson (1997) elabora que a realidade social é estruturada, porém com mecanismos mais maleáveis e descontínuos do que em relação às Ciências Naturais. Nesse sentido, Lawson fomenta a continuidade do pensamento crítico fundado por Bhaskar para o campo da Ciência Econômica, assim como aprofunda a questão ontológica na teoria social.

A preocupação de Lawson (1997; 2003) com a realidade social já denota que a questão ontológica é fundamental para o Realismo Crítico. A ontologia é o aprofundamento sobre a natureza das categorias e das estruturas reais analisadas. Dessa forma, pode-se resumir a ontologia como o estudo da natureza do objeto, o estudo do ser, e, a partir disso, pode-se inferir que a aceitação de qualquer método de análise, implica na aceitação, implícita ou explícita, da ontologia carregada nesse método. De tal forma que, todos nós estamos adotando posições ontológicas quando concordamos com uma teoria. O que pode ser observado como a raiz da crítica de Lawson à economia *mainstream*, é que esta utiliza o método sem abordar a realidade social do problema em questão.

O problema reside na metodologia utilizada, ênfase na modelagem matemática. A realidade não tem condições correspondentes ao método utilizado. O método é o cerne dos erros da Economia moderna, não basta a crítica ao teórico e político. O método exige que, ainda que implicitamente, o mundo é fechado habitado por átomos isolados. Os métodos matemáticos dedutivos são regularmente aplicados em condições para as quais não são apropriados (Lawson, 2015, p. 3).

Nessa perspectiva, Lawson observa que a importância da ontologia para a ciência se dá no sentido de que a concepção ontológica sobre o objeto estudado vai delimitar o(s) método(s) para a análise de tal categoria. Ou seja, a natureza do problema irá servir de base para a escolha do ferramental metodológico. Por outro lado, para o autor britânico, a Economia convencional utiliza, desde a revolução matemática dos anos 1950, predominantemente o mesmo método seja para qual for a natureza do problema. Referenciando um exemplo construído por Lawson (1997), é como se os autores do *mainstream* usassem a mesma ferramenta para resolver diferentes problemas domésticos, no caso, elétrico ou hidráulico. Esse erro decorre do abandono da ontologia explícita em suas análises.

Em oposição, está a heterodoxia associada e a tradição da economia política. Pode-se aludir à produção teórica de grandes economistas, como ilustração. Karl Marx faz



reflexões ontológicas em seus escritos que pressupõe a formulação das suas teorias, exemplo: a explicitação da natureza sobre valor e mercadoria; Adam Smith, por sua vez, discute a essência do homem, para então explicar o funcionamento da economia; já, John Maynard Keynes discorre sobre a incerteza antes de sua obra principal. No entanto, os economistas convencionais modernos não valorizam o olhar ontológico sobre a realidade antes da escolha metodológica ou da formulação teórica, ainda que implicitamente exista uma visão sobre a realidade que precede o método formalista. Para o Realismo Crítico a realidade é complexa, mas é decifrável e explicável a partir dos estudos científicos. Há, por parte desta corrente, reserva quanto às ênfases empiricistas, dedutivistas ou positivistas que marcam a Economia convencional, por não sugerirem a explicação das estruturas e mecanismos sociais e por se basearem na observação empírica de regularidades fechadas. Logo, a atividade do realista crítico se baseia na tarefa de conhecer a natureza que está contida na camada profunda da realidade.

A complexidade dessa atividade se dá em razão de que o nível profundo é mutável de acordo com o tempo e de acordo com as configurações de sistemas adjacentes que influenciam ou deixam de influenciar o objeto principal, produzindo defasagens entre os três níveis expostos por Roy Bhaskar (Setterfield, 2003). Nesse sistema aberto aos processos históricos, naturais e sociais, não há circularidades rígidas; as repercussões podem ser originadas por causas diferentes de acordo com cada situação, não havendo regularidades imutáveis como é perseguido e determinado pelo realismo empírico, no qual a raiz de pensamento se assenta no positivismo e no dedutivismo.

Surge, então, a questão primordial da autocrítica da linha de pensamento do Realismo Crítico: como saber que se atingiu a realidade? Para responder à questão deve-se recorrer a Lawson, que aponta que se deve focar na ontologia e que a certeza é inexistente, porém existem três princípios que podem auxiliar na leitura dos objetos sociais. 1) realismo ontológico, os objetos são estruturados e a estrutura existe independente das nossas percepções; 2) relativismo epistemológico, deve-se perguntar e duvidar de nossas crenças; nessa perspectiva, se faz importante a diversidade metodológica para a confrontação de ideias; 3) racionalidade de arbítrio, em termos de Lawson “*judgement*”, ou seja, a escolha do método e a linha de pensamento deve ser aderente ao bom senso, que, segundo o autor, é inescapável do processo científico (Fucidji, 2013).

Ao se aprofundar no pensamento de Tony Lawson, deve-se abordar outro entendimento do autor, o qual pode elucidar a relação entre a análise ontológica proposta pelo Realismo Crítico e a crítica ao projeto de modelagem matemática do *mainstream* econômico. Nesse sentido, Lawson (2003) avalia a última como isolacionista, entendendo que o máximo que Ciências Sociais como a Economia comportam é o uso procedimentos de abstração teórica. De acordo com o significado tradicional, a abstração é o ato de se concentrar em certos aspectos de algo negligenciando (momentânea) outros. É um processo de dedicar-se em algum(s) enfoque(s) do objeto, enquanto outros permanecem em segundo plano. Em outras palavras, abstrair é focar nos aspectos de algo, embora não se esteja assumindo a



inexistência de outros. Por outro lado, o método do isolamento teórico, é um método pelo qual um conjunto de elementos é removido teoricamente da influência de outros elementos em uma dada situação. Ou seja, isolar teoricamente é precisamente tratar os aspectos não focalizados como inexistentes, ou pelo menos como isolados, como não tendo influência sistemática.

Lawson (2003) pontua que os procedimentos adotados pela tradição neoclássica atomizam a sociedade de modo que a lógica individual é transportada para a lógica do todo; sendo uma forma teórica de isolamento. De outro modo, o estudo da sociedade só é possível a partir do entendimento das relações, pois a ação social é intrinsecamente relacionável. Em vista disso, as falhas da Economia atual não estão no nível da teorização substantiva, estão no nível da metodologia e ontologia social. Insistir na aplicação da modelagem matemática, em uma realidade aberta, seria um erro, porque o uso generalizado da matemática e da econometria não serve para prever o comportamento humano, uma vez que esse modelo atomista não permite entender a estrutura do sistema, da totalidade maior.

Em vista disso, o *mainstream* se recusa a usar termos que se referem ao todo e a processos sociais, como as categorias liberalismo ou capitalismo, em suas teorias. Portanto, aplicar a matemática requer o fechamento do sistema; significa abordar a Economia a partir de indivíduos atomistas ou entidades, átomos que exercem o seu próprio efeito, independentes, invariáveis e equivalentes em qualquer contexto. A discussão sobre o que explica a divisão da Economia e a filosofia da Ciência Econômica não é exclusividade do mundo anglo-saxão. A seção a seguir, apresenta o episódio do debate brasileiro no final dos anos 1990, com o foco nas categorias *mainstream*, ortodoxia e heterodoxia.

3. Pensamento econômico brasileiro no debate sobre as “misérias”

Nesta seção serão apresentados os três principais textos e ideias do economista Marcos Lisboa, professor de prestígio entre seus pares e ex-secretário de política econômica do Ministério da Fazenda do governo Lula². Seus textos publicados em 1997 e 1998 (Revista de Economia Contemporânea) e em 2001 (Estudos Econômicos) causaram inquietação no campo econômico atraindo críticas e repostas de economistas heterodoxos como Mário Duayer, Mário Possas e Fernando Cardim de Carvalho, que analisavam os argumentos propostos a partir de diferentes prismas e suscitaram respostas de Lisboa e discussões sobre a temática no campo acadêmico. O presente artigo focaliza as análises principalmente a partir dos textos produzidos por Duayer, Panceira e Medeiros, visto que essas publicações possuem maior aderência com o debate filosófico proposto por Tony Lawson e o Realismo Crítico.

² Mais recentemente Marcos Lisboa se envolveu em uma nova disputa sobre as principais questões de nossa agenda política e econômica com outros intelectuais heterodoxos. Iniciada no Jornal Folha de São Paulo, a discussão acabou sendo reproduzida no livro O Valor das Ideias, de 2019. Por uma questão de espaço, esse debate não serão retomadas aqui.



3.1 A miséria da crítica heterodoxa: sobre as críticas

No texto “A Miséria da Crítica Heterodoxa: sobre as críticas”, Marcos Lisboa defende sua concepção sobre o que é a Economia ortodoxa e o que é a Economia heterodoxa. O autor discute as críticas heterodoxas às análises ortodoxas e apresenta uma visão de como a Ciência Econômica deve se comportar. Ademais, Lisboa procura demonstrar de forma satírica, como as posições heterodoxas são infundadas e apresentam viés ideológico. O autor separa o texto analisando as principais críticas das escolas marxista, pós-keynesiana e neo-ricardiana às principais hipóteses e conceitos neoclássicos, como: racionalidade, equilíbrio, probabilidades, incerteza, neutralidade da moeda e convexidade; para depois defender o uso da modelagem formal e criticar o realismo.

Marcos Lisboa sugere que a crítica heterodoxa confunde a ‘tradição neoclássica’ com a adesão imediata à defesa de políticas econômicas liberais relacionadas à crença da autorregulação do mercado. Diante disso, propõe que o corpo teórico ortodoxo não está diretamente ligado a resultados conservadores, já que a ortodoxia produz diversas soluções incompatíveis com os preceitos liberais (Lisboa, 1997). Nesse primeiro momento, já é notável que, assim como Lawson, o economista brasileiro não aceita a posição política e os conceitos teóricos como aspectos que diferenciam a Economia *mainstream* da heterodoxia; outra concordância é quanto à noção de que a Economia *mainstream* está em um processo de crescente formalização matemática. Enquanto Lawson (2015) observa que a divisão na Economia se dá a partir de uma ontologia distinta que resulta em métodos diferentes, Lisboa se apega a aspectos metodológicos relacionados a formalização como a base da distinção entre os convencionais e os heterodoxos. Assim, nos dois autores a questão política e conceitual não pode ser vista como a origem das divergências. Tal questão será mais aprofundada no decorrer deste artigo.

Entretanto, a noção de Lisboa sobre a natureza da realidade social é bem diferente da visão de Tony Lawson. O brasileiro enxerga a Economia como uma área desvinculada da política e, assim, desvincula a Ciência Econômica da Ciência Social. Em seus textos (1997 e 1998), Lisboa afirma que as discussões sobre conflitos distributivos é tema para a política, não competindo ao economista articular essas áreas, visto que o papel do pesquisador é tratar com a eficiência em diferentes situações. Dessa forma, aliada à visão metodológica formalista matemática como expressão ideal da pesquisa, Lisboa compreende que a Ciência Econômica, ao menos a parte ortodoxa, produz conhecimentos cumulativamente; dito de outra forma, crê que o desenvolvimento da Economia se dá ao longo dos anos a partir da acumulação dos estudos e modelos construídos, desconsiderando a existência de concorrências teóricas e rupturas no campo da Ciência Econômica. Assim, para Lisboa (1997, p.37): [...]Nenhum modelo, nenhuma construção simbólica, em momento algum, consegue reproduzir o real. Em que medida pode-se discutir o maior ou menor realismo das hipóteses? Em que medida esta discussão é relevante para o economista aplicado? Se todo argumento teórico é uma representação intermediada do real, e os caminhos desta intermediação parecem ser inacessíveis à própria razão, por que não utilizar o



modelo cujas previsões apresentam maior compatibilidade com as observações empíricas?

A reflexão acima, inspirada no instrumentalismo de Friedman (1953), é o cerne da resposta metodológica positivista para as concepções alternativas. Deste modo, a significância de uma teoria independe do grau de aproximação das suposições com a realidade; nessa perspectiva, os modelos matemáticos-dedutivistas possuem previsões confiáveis, mesmo partindo de representações descritivas imprecisas da realidade. Deve-se observar aqui que a noção desvinculada em relação aos aspectos sociais, leva ao entendimento que a Economia é uma ciência dura, na qual as causalidades são captadas de forma exclusivamente matemática e, por conseguinte, o economista é, ou deveria ser, neutro aos desvios ideológicos. Sendo assim, na lógica de Lisboa, aquele que não aderir ao formalismo e não desconsiderar a abertura dos sistemas para construir conteúdo científico econômico, estará fadado à retórica ideológica anticientífica.³ O que Marcos Lisboa defende é que o projeto unificador do neoclassicismo ou da ortodoxia é a procura de resultados válidos em diferentes circunstâncias, de modo que as teorias não precisam ser analisadas do ponto de vista ontológico, apenas os resultados devem ser considerados.

Sobre a ortodoxia, o economista argumenta que não existe hipótese ou princípio teórico que seja comum a toda ‘tradição neoclássica’, ao contrário do que pensam os heterodoxos. Ao longo do seu artigo, Lisboa (1997) utiliza casos para contrapor as críticas heterodoxas, onde aparecem modelos de diversos autores ortodoxos com pressupostos diferentes das ditas hipóteses da teoria neoclássica, por exemplo, o uso da racionalidade limitada ao invés da racionalidade ilimitada.⁴ Com a preocupação apenas em abordar as relações formais regulares, a tradição neoclássica deixa de ser uma visão de mundo e passa a se referir apenas ao uso de um método científico neutro. Nesse sentido, Lisboa acaba negando a ontologia e o papel dela sobre a ciência, transferindo a tarefa ontológica para a epistemologia. Por outro lado, considera a heterodoxia como mera interpretação, como uma forma vulgar de Ciência Econômica em que o formalismo e os métodos adequados são deixados de lado em prol de discursos ideológicos.

3.2 A miséria da crítica heterodoxa: método e equilíbrio na tradição neoclássica

No segundo artigo escrito por Lisboa, “A Miséria da Crítica Heterodoxa: método e equilíbrio na tradição neoclássica”, é sistematizado o comportamento metodológico da ortodoxia, relacionando com os principais conceitos usados pelos neoclássicos, sobretudo, a essência do equilíbrio para os economistas da corrente em pauta. Assim sendo, nessa segunda parte Lisboa adentra a filosofia da ciência, justificando o uso das abordagens instrumentalista e popper-lakatiana para a construção de uma Ciência Econômica mais consistente. No decorrer do artigo, é defendido o papel de modelos

³ Nessa visão, toda teoria é uma distorção e uma simplificação da realidade; a Ciência deveria avaliar os modelos econômicos segundo a sua capacidade de predição, e não de acordo com o realismo das suposições.

⁴ De modo que as noções de racionalidade, probabilidade e equilíbrio possam ser flexibilizadas.



formais de modo que se possa adequar com os princípios estruturantes da tradição neoclássica.

Novamente, assim como na primeira parte, Lisboa (1998) não poupa esforços para legitimar a pluralidade de ideias na ortodoxia. São apresentadas diversas divergências entre economistas da corrente neoclássica, para alegar que o instrumentalismo, caracterizado pelo pragmatismo científico junto com o método popper-lakatiano, aceita respostas díspares aos problemas econômicos; desde que o modelo ou teoria possa propiciar hipóteses passíveis de verificação empírica, gerando previsões factíveis com a realidade e que possa ampliar o grau de falseabilidade em relação a propostas anteriores. O autor provoca a heterodoxia exemplificando que, ao contrário do modelo de equilíbrio geral Arrow-Debreu-McKenzie, os escritos de Karl Marx, apesar de profundos, não produziram relações de causalidade, construções teóricas alternativas ou investigações empíricas, uma vez que muitas das suas proposições não atendem o requisito popperiano de falseabilidade e, por consequência, não são cientificamente robustas (Lisboa, 1998). No decorrer do texto, a crítica apresentada por Lisboa é generalizada para toda a heterodoxia. Lisboa sugere que, contrariamente à crítica heterodoxa, a ortodoxia não é caracterizada por possuir princípios fundamentais óbvios. Ademais, o individualismo metodológico não é essencial na ‘tradição neoclássica’ desde a “revolução novoclássica” nos anos 1970 (Lisboa, 1998). Nesse sentido, o autor expõe sua visão sobre os elementos fundamentais do neoclassicismo:

A teoria neoclássica, como entendo, se desenvolve a partir da revolução marginalista e se caracteriza por dois princípios básicos: em uma sociedade de mercado os agentes tomam decisões independentemente de qualquer coordenação *a priori*; cada agente toma suas decisões tendo em vista o seu interesse, as suas expectativas sobre o futuro e sobre o que espera que os demais agentes irão fazer. (Lisboa, 1998, p. 132)

Ainda, abrangendo o método de Friedman e exemplificando projetos ideológicos diferentes dentro da ortodoxia, Lisboa caracteriza a tradição neoclássica como uma constante produção de modelos alternativos, alterações de hipóteses e investigações de novos problemas. Entretanto, apesar da crítica ao positivismo em seu artigo alegar inexistência de uma verdade para a tradição neoclássica, é possível presumir que o economista entende o método neoclássico, baseado em Popper e Friedman, como o mais adequado à ciência.

3.3 Réplica de Cardim

Em sua breve resposta ao artigo de Marcos Lisboa, Fernando Cardim de Carvalho, a época professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entende que, apesar de infrutífera, uma resposta à Lisboa era necessária, visto que foi citado de forma crítica pelo autor ortodoxo. A discussão seria improdutiva, na percepção de Cardim de Carvalho (1998), porque as visões alternativas normalmente não conseguiriam encontrar resultados substantivos falhos internos à corrente rival. Todavia, o texto apresenta divergências sobre as noções de ergodicidade e equilíbrio.



O ponto chave para a distinção da heterodoxia e ortodoxia seria as proposições alternativas. O autor sugere que a hierarquização dos problemas e categorias econômicas seriam a diferenciação fundamental entre a visão alternativa e a teoria neoclássica (Cardim de Carvalho, 1998). Visto que o economista heterodoxo não entende que as correntes se definem pelo método ou por conclusões essenciais, pretensiosamente, pode-se entender que a hierarquização escolhida pelos economistas se dá no âmbito ideológico; ainda que Cardim concorde com Lisboa que o papel do economista acadêmico não possa se ater a indagações e investigações metafísicas relacionadas a “projetos invisíveis”.

3.4 A miséria do instrumentalismo

Após a repercussão na academia dos artigos de Marcos Lisboa sobre as críticas e definições de heterodoxia e ortodoxia, Mário Duayer, João Leonardo Medeiros e Juan Pablo Paineira publicaram, em resposta, o artigo “A Miséria do Instrumentalismo na Tradição Neoclássica” (2001). Os autores abordam os pilares da metodologia ortodoxa, criticando os argumentos de Lisboa e propondo visões alternativas da filosofia da ciência na Economia. São debatidos o instrumentalismo, o formalismo e as prescrições popperianas, categorias que baseiam os princípios metodológicos neoclássicos, segundo Lisboa e os autores heterodoxos citados. Em contraste, o trio heterodoxo sustenta as avaliações argumentando em favor do realismo de Bhaskar, da dialética e de outros aspectos metodológicos e filosóficos utilizados pela heterodoxia.

O artigo inicia diagnosticando que os autores do *mainstream* praticam posturas antirrealistas, com uma ontologia implícita e problemática na construção teórica. Para os autores, o *mainstream* é descompromissado em relação à ontologia, ainda que a filosofia da ciência seja consensual quanto à importância dessa categoria, pois toda teoria pressupõe uma ontologia. Desse modo, Duayer; Medeiros e Paineira (2001) consideram que é falso o abandono da ortodoxia do método positivista, como é argumentado por Lisboa. Isto pode ser constatado pelo incessante empenho da tradição neoclássica em expurgar as noções metafísicas (incluindo discussões ontológicas) do conhecimento científico, com o intuito de transformar a ciência em empiricismo imparcial.

No decorrer do artigo, o trio heterodoxo apresenta o que seriam falhas filosóficas do instrumentalismo *a la* Friedman; a interpretação é que a visão anti-metafísica da ciência gera relativismos, tornando o conhecimento um objetivo intangível. E então, significando que, em razão de a realidade ser irreproduzível, todo e qualquer pensamento é falso. Com isso, o embaralhamento do conhecimento objetivo com o conhecimento absoluto induz que, para os instrumentalistas, a verdade não é parâmetro para a Ciência. Continuando a crítica ao instrumentalismo, Duayer; Medeiros e Paineira (2001) explicam que, posta a impossibilidade de testar todas as instâncias empíricas de qualquer hipótese, o aparato instrumental sugere que, filosoficamente, a Ciência é apenas um conjunto de teorias falseáveis, todavia não falseadas. Para os autores heterodoxos, essa é uma forma de reducionismo da Ciência e do conseqüente papel do economista.



“A Miséria do Instrumentalismo na Tradição Neoclássica” também faz críticas ao popperianismo e suas ramificações, identificando que para Lisboa tais posicionamentos metodológicos são fundamentais para a constituição da Ciência Econômica. Duayer; Medeiros e Paineira (2001) entendem que o método proposto por Popper incorre no erro de operar sob uma perspectiva idealizada livre de sujeição histórica-social. Thomas Kuhn e Imre Lakatos, inspirados por Popper, também seriam presos pela concepção positivista sobre a ciência, pois, suas teorias sobre paradigmas no campo científico e sobre a noção de núcleo rígido estabelecido pela comunidade científica, desençam-se na validação absoluta da evolução científica associada a técnicas empíricas e preditivas que envolvem lógicas matemáticas tautológicas.

Nosso objetivo é sustentar a interpretação de que o fracasso da tradição positivista é o fracasso da impugnação à ontologia e que, por esta razão, torna-se incompreensível que sua crítica e superação sejam reclamadas por teorias ligadas a Popper, Kuhn e Lakatos etc., que também desqualificam a ontologia, ainda que de maneira oblíqua. (Duayer; Medeiros e Paineira, 2001, p. 752).

O fundamental para Duayer, Medeiros e Paineira (2001) é o componente político adicionado para rebater Lisboa e a ortodoxia. Elucidando, a heterodoxia é vista como sinônimo de crítica e o mundo heterodoxo pressupõe que a realidade pode e deve ser mudada, e não apenas contemplada; em contrapartida, a ortodoxia seria sinônimo de conservadorismo, de senso comum. Então, sob o ponto de vista dos autores, o empiricismo alega neutralidade, mas verdadeiramente apenas corrobora a naturalização inconsciente, ou não, das estruturas presentes; dessa forma, a ‘tradição neoclássica’ naturaliza o capitalismo através da modelagem formal dedutivista, uma vez que, a busca permanente por modelos alternativos, como é definida a ortodoxia por Lisboa, se adequa de forma subliminar e empiricamente ao *status quo*.⁵

3.5 Linguagem, procedimento e pragmatismo na tradição neoclássica

Depois do artigo publicado por Duayer e coautores, Marcos Lisboa escreve a tréplica e último texto em relação às críticas heterodoxas. Após relembrar as motivações para debater o assunto, o autor explicita a diferenciação entre a linguagem analítica formal e o uso dessa linguagem na análise de fenômenos econômicos dentro da ‘tradição neoclássica’. Continuando, Lisboa (2001) exemplifica controvérsias no pensamento neoclássico; em seguida, sistematiza argumentos retóricos e relativistas na Ciência Econômica e, por fim, faz a defesa do pragmatismo e a consequente crítica aos autores heterodoxos que contestaram seu primeiro texto.

Inicialmente, Marcos Lisboa diferencia a teoria neoclássica da ‘tradição neoclássica’, sendo a primeira o conjunto de teorias formuladas pelos primeiros pensadores neoclássicos e a segunda como a equivalente a Economia convencional ou *mainstream*. Nessa concepção, a tradição neoclássica seria a aplicação do procedimento utilizado pelos neoclássicos do século XIX para a realização do processo científico, o que dessa

⁵O artigo critica a obsessão pela predição, característica da metodologia neoclássica, exaltando o aprofundamento ontológico e diferenciando a principal divisão na teoria econômica a partir das metodologias e das visões ideológicas.



forma não implicaria em definições substantivas comuns aos aderentes da Economia *mainstream*. Em consequência, é explicitado através de exemplos que a ‘tradição neoclássica’ não possui resultados empíricos consensuais, existindo, apenas, o consenso no uso da abordagem empírica (Lisboa, 2001). Por sua vez, o método neoclássico se caracteriza na confrontação de modelos formais através de procedimentos experienciais. Sendo que seu sucesso teórico está, segundo Lisboa (2001, p.15): relacionado à sua capacidade em produzir resultados formais, proposições lógicas e propor novos problemas formais a serem investigados. O desdobramento aplicado ocorre quando estes novos resultados formais resultam em novos modelos falseáveis corroborados.

Contraopondo-se ao trio heterodoxo, Lisboa entende que a modelagem empírica formal possui “alguma” visão de mundo pré-estabelecida, porém os resultados obtidos podem ser desfavoráveis às condições iniciais que motivaram a pesquisa, o que significa que o economista neoclássico não controla as conclusões desenvolvidas. Em um segundo momento, os argumentos do autor vão no caminho de que as críticas dos heterodoxos se tornam inválidas mediante a inexistência de um núcleo duro na tradição neoclássica. Para Lisboa (2001), o método da Economia convencional não representa o único modo de chegarmos ao conhecimento, mas o único capaz de gerar conhecimento científico. Nesse sentido, aquilo que não é passível de teste não pode ser considerado científico e, assim, o realismo não pode se diferenciar de suposições anticientíficas. Em outras palavras, dada a concepção popperiana da impossibilidade de resoluções de controvérsias através da forma positiva, as alegações realistas dos heterodoxos não passariam de argumentos de autoridade incapazes de justificação e de predição.

4. O realismo crítico e o debate brasileiro

Na presente seção, confrontar-se-á o pensamento econômico brasileiro no debate sobre a divisão teórica na Economia com as práticas e concepções propostas pelo Realismo Crítico na versão de Tony Lawson. A posição de Lawson (1997; 2006 e 2015) resumida indica que a corrente principal da Economia é unificada por sua ontologia explicitada na metodologia *mainstream*; enquanto a heterodoxia é demarcada pela negação ontológica e, conseqüentemente, metodológica da Economia convencional.

Para realizar a análise das interlocuções, é preciso alegar que o pensamento econômico convencional brasileiro aceita, na generalidade, as argumentações de Lisboa, uma vez que os textos referidos do autor possuem reconhecimento e aclamação de seus pares. Por outro lado, o pensamento heterodoxo sobre o tema requer ser analisado de forma mais segmentada devido a variedade de perspectivas acerca das questões relativas à Ciência Econômica e a visão dominante.



4.1 O Pensamento brasileiro a respeito da ciência econômica

Para a ortodoxia brasileira, a Ciência Econômica é uma área do conhecimento preocupada com a eficiência alocativa dos recursos nos mercados; os dilemas morais ou a justiça sobre a distribuição da riqueza não cabem ao economista, estes são temas exclusivamente políticos (Lisboa, 1998). Essa perspectiva tecnicista leva ao afastamento da Economia com a Ciência Social, já que o juízo de valor acerca das pautas sociais não concerne à definição *mainstream* sobre o papel da Ciência. Portanto, a lógica ortodoxa interpreta que existe uma exigência desmedida da heterodoxia em relação à aproximação da teoria com a realidade. A Ciência Econômica deve ser útil à sociedade, mas é excessivamente pretensioso requisitar o entendimento da totalidade social a partir da teoria econômica. É a partir dessa visão amparada em Friedman (1953), que a ortodoxia brasileira relativiza ao máximo a adesão da teoria com a realidade.

Ademais, a visão dominante brasileira no debate entende que o processo científico é análogo à prática do método consolidado pelos neoclássicos, ou seja, todos os métodos heterodoxos desassociados do método dominante não devem ser reconhecidos como científicos; conseqüentemente, o pluralismo é rejeitado. A discussão sobre a natureza das coisas, cara ao Realismo Crítico, é rechaçada pelos ortodoxos. Apenas o que pode ser testável é reconhecido como científico, o restante é equiparado à metafísica. Conforme Lisboa (1998, p.117): “São considerados científicos os argumentos e hipóteses confirmados pela experiência, evitando-se desta forma, segundo os positivistas, as ambigüidades, imprecisões e discussões estereis usualmente associadas à metafísica”.⁶

Em contrapartida, os heterodoxos brasileiros incluem critérios mais amplos para a definição de Ciência. Para Duayer, Medeiros e Paineira (2001), o *mainstream* interpreta a Ciência apenas como um aparato instrumental com funcionamento no “vácuo de acepções”. Neste sentido, pode-se dizer que o trio heterodoxo se aproxima do entendimento de Lawson (2015) em razão dos primeiros recorrerem à história e à política para a explicação de fenômenos econômicos. Isto porque, para Lawson, a Ciência Econômica está inserida nas Ciências Sociais ou Humanas, sendo ela própria uma divisão do trabalho dentro das Ciências Sociais. Dessa forma, o papel do economista é a busca pelo acercamento da realidade social a partir de um foco nas relações materiais distributivas.

Fica evidente, portanto, que os economistas moldam os métodos e os objetivos da sua Ciência a partir da ontologia e do próprio significado sobre a natureza da Ciência e da Economia: a Economia *mainstream* tem o propósito de encontrar relações lógicas formais e a heterodoxia, para além do empiricismo, busca descobrir nexos estruturantes abstratos ou, de forma contrária, busca encontrar relações lógicas empíricas com base em nexos estruturantes abstratos.

⁶ Para Lisboa (97; 98 e 2001), o dedutivismo agregado ao popperianismo e ao instrumentalismo de Friedman, constituem, não só o melhor método para análise econômica, mas o único método possível de ser considerado científico.



4.2 A ontologia no pensamento econômico brasileiro

A análise ontológica é o núcleo do Realismo Crítico e o demarcador fundamental entre heterodoxia e *mainstream* (Lawson, 2006). O estudo da natureza do ser tem o objetivo de descrever as estruturas dos objetos analisados; apenas sob essa delimitação do objeto é que se pode afastar-se de construções ilusórias. A dedicação com as questões ontológicas é decorrente do realismo transcendental, o qual preconiza a ideia da existência das coisas independentes do que conhecemos sobre elas (Setterfield, 2003).⁷

Em oposição à ontologia social proposta pela heterodoxia e aceita pelo Realismo Crítico, está a concepção da Economia convencional brasileira. Para a ‘tradição neoclássica’, o plano empírico dedutivista é a forma que se deve teorizar sobre os fenômenos econômicos; o que, para Lawson (2015), é o resultado, mesmo que de forma implícita, da ontologia de sistemas fechados, apoiados no atomismo e no isolacionismo. Nesse caso, aos olhos do Realismo Crítico, a Economia convencional brasileira não trata de assuntos ontológicos e acaba incidindo em uma falácia epistêmica. Em outras palavras, ao reduzir as declarações sobre o ser a afirmações sobre o conhecimento, leva essa tradição à indiferença quanto à ontologia e culmina no afastamento da Ciência da realidade.

No tocante à heterodoxia brasileira, Duayer, Paineira e Medeiros (2001) compactuam com a crítica de Tony Lawson em relação ao papel da ontologia na Ciência Econômica, porém inserem outros elementos para as demarcações das correntes na Economia. O diagnóstico da supressão ontológica e consequente incompetência analítica por parte da Economia dominante é similar ao de Lawson, bem como a ideia de que a ontologia heterodoxa se baseia na compreensão de processos subjacentes, na abertura dos sistemas e na relacionalidade interna; todavia, os brasileiros não dão a relevância típica do Realismo Crítico ao estudo do ser nas críticas ao *mainstream*. A heterodoxia presente no debate brasileiro estabelece diferenciadores políticos no âmago da disputa acadêmica econômica.

4.3 Instrumentalismo no pensamento econômico brasileiro

A crítica de Lawson (2003) alega que o principal problema da Economia moderna tem origem na ontologia, mas se expressa a partir da metodologia utilizada nos estudos econômicos. A ênfase na modelagem matemática exclui aspectos pertinentes para análise econômica. O movimento em prol do instrumentalismo é tão dominante, que até economistas críticos ao capitalismo inclinam-se ao uso desmedido da matemática, como os marxistas da escolha racional.⁸

⁷ Nesse sentido, o Realismo Crítico compreende que a ontologia social das correntes econômicas gera os métodos para as investigações compatíveis com essa mesma ontologia, e a forma como será feita a teorização é marcada pela concepção pré-estabelecida sobre o tema abordado.

⁸ Numa análise muito similar à de Lisboa (1997 e 1998), Colander *et al.* (2004, p. 492) afirma que o que difere a elite da Economia é a visão aberta para novas ideias e fechada para metodologias alternativas, ou seja, “Se ela não estiver modelada, não será Economia, não importa seu significado”.



A matemática à qual se refere, é, na visão de Lawson (1997), a de cunho dedutivista, que gera uma estrutura formalista adotada pelos economistas convencionais independentemente da natureza do problema econômico. De forma resumida, o intuito de construção de leis, implica na concepção de que sempre que ‘o evento x, então, o evento y’. Assim, a modelagem formal trabalha com a ideia de identificação das regularidades e de generalizações de leis a partir da observação. A identificação de regularidades, apesar de uma meta distante, não é algo de todo impossível para o Realismo Crítico; há situações sociais caracterizadas pelo fechamento temporário, sendo assim passíveis de captura.

No debate entre os brasileiros, a ortodoxia defende o monismo metodológico, algo já identificado por Lawson (1997 e 2006) e Colander (2004) como fundamental na caracterização do *mainstream*. A abordagem instrumentalista é assumida por ser neutralizadora da ideologia, e a predição a solução contra a impossibilidade de compreensão do real, traduzindo-se em pragmatismo científico à moda de Friedman. Essa ideia é contraditada por Duayer, Paineira e Medeiros (2001) ao constatarem que o fracasso do instrumentalismo é o fracasso da impugnação ontológica e da aproximação à tradição positivista. Citando Rorty, os autores não reconhecem a superioridade metodológica do instrumentalismo, visto que essa prática, ao suprimir a visão ontológica da corrente convencional, apenas oculta uma concepção de mundo conservadora do sistema econômico atual.

Duayer, Medeiros e Paineira (2001) salientam a importância tanto dos critérios internos quanto dos externos na explicação da progressão da Ciência Econômica, bem como do que é dominante e o que é alternativo neste campo⁹. No caso de Lawson (1997; 2006 e 2015), o que caracteriza o *mainstream* é a adesão à concepção dedutivista de Ciência, mas aceitando que cada caso pode ser estudado como uma totalidade à parte.¹⁰ Assim, dependendo do contexto, de fato, pode haver influência da política no andamento da pesquisa. O ponto chave para Lawson é que a realidade social é vista como fechada pelo pensamento econômico convencional, implicando no dedutivismo; e é esse demarcador do que é a natureza da Economia dominante. Como se verá abaixo, portanto, os fatores externos podem explicar em maior ou menor grau essa visão sobre a realidade, mas o aspecto unificador do *mainstream* é sua ontologia e metodologia.

4.4 Aspectos políticos no realismo crítico

Agora é hora de tratar do papel da política nas separações *mainstream*-heterodoxia. Tony Lawson em “*Essays on The Nature and State of Modern Economics*” (2015) sistematiza as suas críticas à Economia moderna, ao afirmar não ser proveitoso analisar as divergências fundamentais entre corrente heterodoxa e convencional dada

⁹ É pouco usual da parte de economistas heterodoxos no Brasil considerarem a importância dos fatores internos no estabelecimento das diferenças com relação à Economia convencional. Este não é o caso de Oreiro e Gala (2016), mais recentemente os autores sustentam, por exemplo, que a teoria heterodoxa atual e a ortodoxia instrumentalista podem ser entendidas recorrendo-se exclusivamente a elementos internos ao desenvolvimento da Ciência Econômica.

¹⁰ Mas, isso é caso de estudo empírico.



a ampla abrangência quanto a orientações de política econômica de ambas. Ou seja, Lawson entende que o *mainstream*, através das principais revistas e prêmios, aceita a pluralidade de conclusões nas teorias econômicas, o que nos remete a Lisboa, que concorda que a tradição neoclássica produz resultados políticos antagônicos. Desse modo, tanto para o autor brasileiro, quanto para Lawson, a questão da demarcação não pode ser resolvida a partir de noções políticas. Todavia, o britânico não nega a influência da ideologia ou da política sobre os posicionamentos das escolas de pensamento econômico, afirma apenas que as falhas da Economia podem ser mais bem compreendidas sob outra ótica, a ontológica. Já para a ortodoxia brasileira, o método dedutivista-matemático é o que permite a superação da Ciência em relação à política.

Os heterodoxos do debate brasileiro caminham na mesma direção que Tony Lawson ao afirmarem que a ortodoxia nega a ontologia para fazerem da metodologia formal um critério inquestionável.¹¹ Para Duayer, Medeiros e Pinceira (2001), a neutralidade ideológica da tradição neoclássica é uma falácia, sendo que a própria etimologia das palavras revela isso, pois heterodoxia significa crítica ao conhecimento convencional, ao ortodoxo, que é conservador e defende as estruturas sociais dominantes que amparam o capitalismo. Esse é o ponto de dissidência em relação a Lawson, sendo que os brasileiros identificam a metodologia empírica com uma ontologia implícita, de visão de mundo individualizada politicamente conservadora; enquanto o autor britânico irá descrever a ontologia da Economia dominante como fechada e atomista. Duayer; Medeiros e Pinceira (2001) concordam com essa mesma ontologia criticada por Lawson, mas indicam uma origem conservadora, ou seja, política-ideológica.

As concepções divergentes entre Lawson e os brasileiros heterodoxos sobre a preponderância de fatores internos ou externos no modo de fazer Ciência Econômica remetem ao debate entre internalistas *versus* externalistas na Filosofia da Ciência¹². Os termos já foram aludidos antes, mas a fim de resumir os seus usos, considera-se que os externalistas são aqueles que indicam os problemas do campo científico não como inteiramente gerados pelos desenvolvimentos das pesquisas internas, mas marcados pela exogeneidade ideológica e histórica. Nessa perspectiva, o contexto intelectual é predominante para os rumos das investigações científicas; já os internalistas antagonizam o debate salientando a prevalência do conteúdo conceitual e a natureza teórica para a explicação do desenvolvimento das ciências. Sob esse prisma, é a história interna, conforme Da Fonseca (1996), que oferece objetividade para o avanço da Ciência Econômica.

Em se tratando das concepções dos autores analisados nesse artigo, todavia, há ponderações a serem feitas. O internalismo dos economistas convencionais brasileiros está relacionado à ideia de que as convicções internas definem o escopo

¹¹ Contudo, a ontologia continua a exercer o seu papel, ainda que desordenada e velada nos meandros do desenvolvimento das pesquisas.

¹² Internalista aqui no sentido atribuído por Lakatos (1998), significando que a Ciência progride por processos internos, sem a influência do contexto e das pressões políticas; enquanto externalista significa que a ideologia, a posição de classe e o poder econômico influenciam na pesquisa e direção da Ciência. Na Economia, ver principalmente Stigler (1965) e Da Fonseca (1996).



e a forma da teoria econômica, conectando, a partir desse desenvolvimento, o progresso contínuo no conteúdo da Economia convencional. No entanto, o internalismo de Lawson não associa a visão internalista com a uma orientação cumulativa da Ciência. Nesse caso, o autor apenas abstrai a perspectiva externa para se ater aos aspectos ontológicos que a metodologia da Economia dominante se baseia.

De todo modo, a maneira geral como a heterodoxia brasileira presente na discussão entende a progressão da Ciência Econômica possui caráter tanto internalista quanto externalista. Aspectos internos e externos à profissão acadêmica dos economistas são considerados para a formação do campo do conhecimento heterodoxo e ortodoxo, entretanto a origem das características internas é decorrente dos condicionamentos externos.

Conclusão

O presente artigo buscou relacionar as perspectivas presentes no debate influente na academia brasileira do final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 com as concepções de Tony Lawson, segundo as quais a corrente principal não deve ser caracterizada de acordo com os resultados de suas teorias, nem com suas hipóteses para análise, mas com sua ontologia da realidade social, e consequente metodologia de orientação. Foi observado que Tony Lawson e o pensamento econômico brasileiro dominante convergem no reconhecimento da diversidade de resultados e de pressupostos na Economia *mainstream*. Há concordância também quanto ao crescente formalismo na Economia convencional e a sua baixa adesão na heterodoxia; porém, o *mainstream* brasileiro considera o formalismo matemático o método mais adequado em qualquer contextualização e o único possível para o verdadeiro conhecimento científico, visto que é o único capaz de neutralizar os efeitos ideológicos na Ciência Econômica. Foi identificado que o pensamento convencional em nosso país assume preceitos metodológicos instrumentalistas alicerçados por noções popperianas de ciência, dando razão à posição de Lawson e heterodoxos brasileiros, de que o método convencional tem sua origem em um positivismo subjacente. Para Duayer e coautores, a metodologia vinculada a esta concepção ontológica é um aspecto fundamental para as demarcações da heterodoxia e do *mainstream*, ainda que os autores recorram a explicações políticas para fundamentar a opção ontológica.

De modo mais específico, o debate entre os economistas brasileiros contrapôs, de um lado, a ortodoxia, argumentando que o instrumentalismo gera efeitos neutralizadores na pesquisa econômica, enquanto os métodos alternativos são proposições “metafísicas” inadequadas ao teste empírico. E, por outro, autores heterodoxos como Duayer, Medeiros e Paineira utilizando a ontologia e metodologia para diferenciar as correntes, mas com ressalvas a partir de um viés marxista quanto a aspectos de classe e de ideologia em resposta aos ortodoxos brasileiros. Foi observado, portanto, que as raízes das oposições entre a Economia tradicional *mainstream* e a Economia alternativa possui bases, não só na ontologia da



realidade social, mas, também, na ontologia da Ciência e da Economia. Nesse sentido, os ortodoxos brasileiros entendem a Ciência como o conhecimento obtido através da metodologia rígida formal, que os próprios utilizam; e a Economia como uma área do conhecimento afastada das Ciências Sociais, concepção criticada por Lawson, o qual entende a Economia como uma divisão do trabalho dentro desta.

Por fim, faz-se certas ressalvas quanto à possibilidade de conciliar as categorias usadas por Lawson com o debate brasileiro, devido tanto aos diferentes contextos, quanto ao desenvolvimento da Ciência Econômica no Brasil. Entretanto, pode-se aceitar a primeira parte da hipótese levantada, que expõe que a ortodoxia brasileira entende a demarcação das correntes a partir de uma perspectiva internalista, assim como Lawson. Porém, a segunda parte da hipótese, que aponta a heterodoxia como aderente a explicações externalistas, é refutada, porque o verificado foi uma heterogeneidade dos autores heterodoxos que desenvolveram aspectos internos, ontológicos, metodológicos e noções substantivas, além de aspectos externos, ideológicos e políticos, como critérios para a análise do processo científico na Economia. Em suma, ressaltamos a importante contribuição do Realismo Crítico para propagação da centralidade ontológica na pesquisa econômica; dessa forma, entendemos que o pensamento econômico brasileiro pode ser fertilizado pela filosofia do Realismo Crítico.

Referências

- BHASKAR, R. *A Realist Theory of Science*. London, New York: Routledge, 2008 [1975].
_____. *The Possibility of Naturalism*. 3th edition. London: Routledge, 1998 [1979].
- CARDIM DE CARVALHO, F. Réplica a “Miséria da crítica heterodoxa”. *Revista de Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Economia, v.2, 1998, p. 137-142.
- COLANDER, D.; HOLT, R. P. e ROSSER, J. B. The changing face of mainstream economics. *Review of Political Economy*, London, v. 16. 2004, p. 485–499.
- DA FONSECA, E. G. Reflexões sobre historiografia do pensamento econômico. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v.26, n.2, 1996, p. 235-259.
- DUAYER, M.; MEDEIROS, J.; e PAINCEIRA, J. “A miséria do instrumentalismo na tradição neoclássica”. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v.15. 2001, p. 723-783.
- DEQUECH, David. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. *Journal of Post Keynesian Economics*. v.30. 2007.
- FRIEDMAN, M. *A Metodologia da Economia Positiva*. In: Edições Multiplic, v. 1, n.3, Tradução: Leonidas Hegenberg, (1981 [1953]), p. 163-200.
- FUCIDJI, J. “Realismo e darwinismo em metodologia econômica: a crítica de Geoffrey Hodgson”. *Texto submetido ao XLI Encontro Nacional de Economia – ANPEC Área I – História do Pensamento Econômico e Metodologia*, 2013.
- LAKATOS, I. *História da Ciência e suas Reconstruções Racionais e Outros Ensaios*. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 39-62.
- LAWSON, T. *Economics and Reality*, London: Routledge, 1997.
_____. *Reorienting Economics*. London and New York: Routledge, 2003.



- _____. “The nature of heterodox economics”. *Cambridge Journal of Economics*, v.30. 2006, p. 483-505.
- _____. *Essays on the Nature and State of Modern Economics*. London and New York: Routledge, 2015.
- LISBOA, M. “A miséria da crítica heterodoxa: primeira parte: sobre as críticas”. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v.1, 1997, p. 5-66.
- _____. “A miséria da crítica heterodoxa: Segunda Parte: método e equilíbrio na tradição neoclássica”. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v.2. 1998, p.113-151.
- _____. “Linguagem, procedimento e pragmatismo na tradição neoclássica”. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 31, n. 4, 2001, p.785, 823.
- _____. *O Valor das Ideias: Debate em Tempos Turbulentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARX, K. *O Capital – crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008.
- OREIRO, J. L. e GALA, P. “O núcleo duro da divergência entre ortodoxos e heterodoxos”. *Ilustríssima, Folha de S. Paulo*, 23 de out. 2016.
- SETTERFIELD, M. “Critical Realism and formal modelling”. In: Paul Downward (ed.). *Applied Economics and the Critical Realist Critique*. Routledge, 2003, p. 71-88.
- STIGLER, G. *Essays in the History of Economic*. Chicago, 1965.
- VASCONCELOS, M. R.; STRACHMAN, E. e FUCIDJI, J. R. “O realismo científico e as controvérsias metodológicas contemporâneas em Economia”. *Revista Estudos econômicos*, São Paulo, v29, n.2,1999, p. 415-445.